

C.C.C. E T.F.P. CONTRA UNIÃO DE SERTANEJOS E KARAJÁ

Enquanto os líderes indígenas são assassinados nas aldeias, por defenderem suas terras, na cidade a repressão assume formas diferentes: por ocasião da solenidade do lançamento da Comissão Ilha do Bananal, ocorrido em Brasília, no dia 10 de junho, terroristas do Comando de Caça aos Comunistas (CCC) e do Movimento de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, devidamente protegidos pela Polícia, esvaziaram pneus, entupiram fechaduras e picharam os carros estacionados defronte o local onde se realizava o ato. Por fim, lançaram pela calçada os seus indefectíveis panfletos defendendo a liberdade para a grande burguesia explorar e oprimir o povo brasileiro. E se foram, às escondidas.

Em seu discurso, perante um grande número de pessoas, Dom Pedro Casaldáliga, bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, lembrou a devastação da Ilha do Bananal, comparando-a com uma menina violada pelos poderosos. Reafirmou os graves problemas do Parque Indígena do Araguaia, onde cerca de 14 mil sertanejos, expulsos pelos latifúndios de suas áreas de origem dividem com cerca de dois mil índios as terras da Reserva.

"Que povo é esse que anda pelas últimas ruas das cidades que os invasores construíram sobre suas terras?". Em 1910 eles eram dez mil.

Em 1948, apenas quatro mil. Trinta anos depois, mil e quinhentos.

Fica difícil se saber com precisão de que povo estamos falando porque se trata de nações indígenas, quase todas nessa situação. Porém a questão vai tornando-se clara, quando acrescentamos que esses povos **Karajá e Javhaé** trabalham como peões dos usurpadores da sua própria terra, cercada de bois por todos os lados, por caçadores que exterminam a fauna, pelos arrendatários que querem transformá-la em campo de pastagem e pela estrada que ameaça atravessar o parque indígena Karajá com toda a sua carga de mutilações, "pequenos" malefícios da civilização.

Acontece que, apesar de todos esses dados referentes a esse povo, ele resiste aos massacres, à cachaça, à epidemia, às fazendas, ao comércio, à caça de peles, ao turismo, aos caçadores de gente, enfim à toda prostituição que sobre eles se estende. Contra toda a bagagem

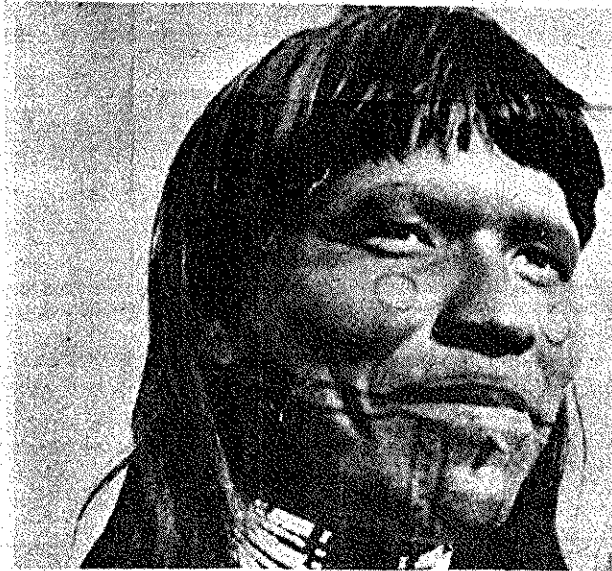
da civilização, os **Karajás** armam sua resistência. Prova disso foi o lançamento da Campanha Nacional de Apoio aos Índios da Ilha do Bananal (maior ilha fluvial do mundo, formada pelo rio Araguaia, no limite dos estados de Goiás e Mato Grosso), em Brasília, no dia 10 de junho, no ASCAD L/2 SUL, que contou com a presença de líderes indígenas, representantes da população da ilha, do bispo de São Félix do Araguaia D. Pedro Casaldáliga, parlamentares, MDA (Movimento de Defesa da Amazônia) do Distrito Federal, CIMI (Conselho Indigenista Missionário) e ANAI-DF.

Com a participação de quase mil pessoas, foi enfocada a situação da ilha desde a chegada dos sertanejos — incentivo da própria FUNAI — que vieram expulsos do Nordeste, ou estados mais próximos como Goiás, Mato Grosso e Maranhão, e foram atirados pela latifúndio à terra dos índios. Os sertanejos reconhecem o direito dos **Karajá e Javhaé**, embora seus direitos não sejam reconhecidos e eles sejam 14 mil "pagando impostos à FUNAI por metro de arame esticado, por metro quadrado construído, por cabeça de gado criada".

No depoimento que Mário Juruna fez, disse que "na FUNAI existe um verdadeiro exército 1º. sargento, 2º. sargento, coronel, que vivem sentados em cadeiras maciças, enquanto o índio fica andando pelos corredores sem acesso aos gabinetes".

Os sertanejos também se pronunciaram e acham que a curto prazo o governo tem que resolver a situação deles, pois devem deixar a ilha para os índios. Citaram também o problema ecológico da depredação que a ilha vem sofrendo, afirmando que "se não tomarem medidas imediatas, a ilha não terá mais condições de habitação nem para o índio, nem para os sertanejos".

O imposto que os sertanistas vinham pagando subiu de 36 para 480. Na FUNAI, 14 funcionários foram demitidos. Sairam porque não tinham mais condições de trabalhar para o coronel Nobre da Veiga. Segundo comentários, são considerados subversivos porque lutam pela causa indígena. Mesmo com todas essas confusões, o povo **Karajá** e os sertanejos conseguiram reunir-se para lutar pelos seus direitos. O povo **Karajá** exige a ilha contínua e



Tivê como seu habitat imemorial, a preservação da flora e fauna como forma de garantir sua sobrevivência e o respeito que a FUNAI deve ter aos povos indígenas cumprindo com as leis do Estatuto do Índio, retirando da ilha pessoas e grupos que exerçam atividade econômica dentro do território do parque indígena. Os sertanejos exigem: "terra fora da ilha para viver e trabalhar, reassentamento nas áreas livres mais próximas da ilha". Conforme disse o líder **Juruna**: "Nas diversas capitais do Brasil o branco também está sendo explorado", oprimido tanto existe de um lado como de outro.

Assim como aconteceu em Boca do Acre a necessidade de unir índio e colono contra o latifundiário, na Ilha do Bananal o sertanejo e o índio estão conscientes dos seus problemas e reconhecem que somente a integração dos oprimidos vencerá a luta. A saída é a união, para discutir o problema em conjunto.

Mário Juruna, terminou o seu discurso propondo "a união para derrubar o regime", vemos que é preciso ter forças mesmo para concluir um discurso: "eu não vou mais falar porque senão quando eu sair daqui eu vou preso". É! Lutar pela defesa dos oprimidos e em favor da causa indígena ainda é subversão. Mesmo com toda essa abertura!

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Paranati nº 19

Class.: 59

Data: jun-jul/80

Pg.: _____